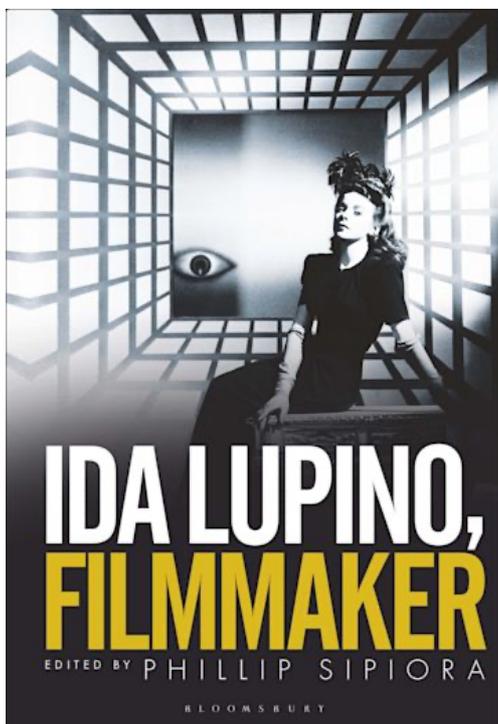


## A sociedade sob o olhar de Ida Lupino: Aspetos sociais e suas complexidades

Lílian Silva

FCSH-NOVA, Portugal  
lilimlopes@hotmail.com  
<https://orcid.org/0009-0009-7881-581X>



Sipiora, Philip (Ed.). *Ida Lupino, Filmmaker*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2021, 288 pp., ISBN: 9781501352089.

As discussões a respeito da presença e visibilidade histórica das mulheres no meio cinematográfico mundial têm vindo a aumentar. Olhando para a história do cinema, notamos que poucas foram as realizadoras – em comparação com o número de realizadores – que alcançaram o devido reconhecimento e a devida aclamação. É no período do *studio system* que encontramos as obras estreladas, escritas e

realizadas por Ida Lupino (1918-1995), que constituem o *corpus* do livro que aqui recenseamos. Editado por Philip Sipiora, *Ida Lupino, Filmmaker* propõe um conjunto de textos que analisam a carreira de Lupino desde as primeiras experiências como atriz até seu trabalho como guionista e realizadora de filmes e séries norte-americanas nos anos 1950 e 1960.

O livro tem por intuito preencher a lacuna deixada por anos de negligência a que a obra de Lupino foi votada pela historiografia do cinema, facto curioso visto que, para além de um percurso bem conhecido como atriz e realizadora de cinema, ela desenvolveu e estrelou seu próprio programa de TV, foi a primeira e única mulher a ter dirigido um episódio da série *The Twilight Zone* (1964), a primeira a dirigir sua própria atuação, e a segunda mulher a ser reconhecida pelo Directors Guild of America (p. 165). Apesar de algumas obras terem sido lançadas sobre sua vida e carreira – tal como a biografia escrita por William Donati (1995) e os relatos dos encontros e entrevistas entre a realizadora e Mary Ann Anderson (2011) –, nota-se uma escassez de títulos dedicados inteiramente ao seu trabalho e, conseqüentemente, menos voltados para sua vida pessoal e mais para a análise de suas obras. O que se pode encontrar neste domínio é o livro de Therese Grisham e Julie Grossman (2017), focado no seu trabalho como realizadora. *Ida Lupino, Filmmaker* diferencia-se destas publicações por trazer como objeto de estudo não somente seu trabalho atrás das câmeras, mas também suas atuações como atriz, por exemplo, no filme *High Sierra* (1941), e a influência de sua família composta por artistas.

*Ida Lupino, Filmmaker* estrutura-se em quatro secções que abordam aspectos e momentos diferentes de sua vida e carreira. A primeira, intitulada “Impact: reception/reputation”, é composta por três textos que abordam as origens de Lupino e o impacto de sua visão para o cinema. Em seguida, “Culture and gender, aging, acting, performance”, analisa a maneira como a realizadora enxergava e representava em seus filmes questões tabus e raramente abordadas no cinema comercial hollywoodiano. “Breaking new ground” aborda as inovações que Lupino trouxe em seus trabalhos como realizadora na *The Filmmakers* – produtora fundada por ela e seu então marido Collier Young. Por fim, “Television directing” discute o trabalho feito pela realizadora-atriz em séries televisivas entre as décadas de 1950 e 1960. Cada uma destas partes é composta de artigos escritos por diferentes autores, totalizando dezesseis textos.

A primeira parte tem por objetivo debater sobre a visão singular de Lupino e seu potencial como realizadora. É composta pelo capítulo “Beyond the Performance: Ida Lupino, American Stages, and the Business Show”, que trata de seu interesse pelos palcos e pelos acontecimentos ocorridos nos bastidores, um interesse feito de forma crua, que procurava fugir dos clichês da indústria. A autora, Karen MacNally, realiza uma análise dos filmes *The Hard Way* (1943) e *Hard, Fast and Beautiful* (1951), sendo este último uma obra que aborda o universo de jogos de tênis e os bastidores das competições, criando uma espécie de comparação com os acontecimentos no mundo do entretenimento.

O capítulo seguinte, “Ida Lupino: A Life in Hollywood”, procura esclarecer questões que permearam seu trabalho como realizadora, traçando um panorama sobre seus anos como atriz na Inglaterra e o peso de seu sobrenome, pertencente a uma família com séculos de tradição teatral. O autor, William T. Ross, destaca também a influência de Roberto Rossellini em seu trabalho e o facto de Ida Lupino ter uma mentalidade fechada para as temáticas e estéticas da chamada ‘Nova Hollywood’. O último texto da secção, “Overlooked and Underrepresented: The Essential Lupino”, tem como ênfase o interesse da realizadora por temas poucos discutidos e destaca sua busca por dar igual atenção aos sentimentos e questões tanto femininas quanto masculinas.

A segunda parte é constituída por temáticas como as representações de gênero, envelhecimento e performances. No capítulo “A Big Family of Little Failures: Postwar America’s Children and Ida Lupino’s *Not Wanted*”, Julie Grossman discute o “trauma de gênero” e a família como instituição falhada, sendo estes “os sintomas da quebra dos papéis sociais na América do pós-guerra” (p. 64). É apresentada uma análise de *Not Wanted*, filme que abandona a ideia romântica da maternidade, procurando se aproximar da realidade. Em “(Not so) ‘Vicious and Depraved’: Ida Lupino’s Portraits of Men”, Marlisa Santos analisa as figuras masculinas vistas no filme *Outrage* (1950) e nos episódios de séries televisivas por ela escritos e dirigidos. O texto argumenta que as personagens masculinas dos filmes de Lupino fogem do padrão másculo reproduzido na maioria dos filmes da época. Lupino subvertia, assim, as expectativas de gênero enraizadas na cultura norte-americana, onde o homem era o provedor da família e a mulher era mãe e dona de casa.

Os dois textos seguintes são sobre o filme *The Bigamist* (1953). O primeiro, intitulado “Accidental Outlaw: Agency and Genre in *The Bigamist*”, defende que o filme se destaca pelo olhar feminino e pela atenção a problemas femininos, que até então eram negligenciados no gênero do *film noir*, dominado por narrativas masculinas. O autor, Michael L. Shuman, também oferece uma relevante e original análise sobre o pôster promocional do filme, elemento frequentemente ignorado nos estudos fílmicos. O segundo texto, intitulado “Ida Lupino’s Moral Filmmaking: *The Bigamist* and *The Trouble with Angels*” analisa elementos mais técnicos, como os aspectos visuais e de realização, que ajudam a construir uma narrativa fílmica sobre a complexidade da vida e das relações humanas, rejeitando o moralismo. O capítulo também aborda *The Trouble With Angels*, realizado quase quinze anos depois, e em que a ação se desenrola no contexto de uma escola católica só para meninas.

Na mesma seção, o texto intitulado “Ida Lupino’s Manipulation of Age Conventions” lembra-nos uma questão importante no trabalho desta mulher, que, apesar de não desafiar convenções sociais relativas à idade e de manter alguns “estereótipos”, habilmente construía personagens secundárias idosas. Em seus filmes, nota-se que “as mulheres jovens são inicialmente apresentadas como ingênuas que precisam ser orientadas por figuras paternas, enquanto os homens mais velhos são figuras de autoridade que representam as normas sociais” (p. 143, minha tradução). Por fim, o último ensaio desta seção, “Ida Lupino and Acting: Situating Performance in Cinematic Context(s)”, analisa as atuações de Lupino em três filmes realizados em décadas diferentes, *The Ghost Camera* (feito nos anos 1930, enquanto ainda atuava na Inglaterra), *High Sierra* (realizado em Hollywood na década de 1940) e *Private Hell 36* (feito pela sua produtora *The Filmmakers*). O autor, Curtis LeVan, destaca o controlo dos estúdios nos papéis concedidos a cada ator e em como isso influenciava a percepção do público. Ao longo dos anos, Lupino passou a preferir o método proposto por Stanislavski no lugar da atuação metódica, que segundo ela, limitava a imersão na personagem. A escolha das obras e a análise são valorosas, pois nota-se as mudanças na atuação de Lupino e como isso influenciou os filmes por si realizados nos anos 1950.

A terceira seção inicia com o texto “Against the Grain, within the Frame: The Double Consciousness of Ida Lupino”, de Mary Lynn Navarro. O ensaio aponta para a questão da “dupla consciência” em suas obras, pois

Lupino relevava ao mesmo tempo que mascarava algumas questões para ir ao encontro da visão normativa da indústria cinematográfica. No capítulo “Outrage and Trauma: A Reconsideration and Reevaluation”, de Kathleen Robinson, são debatidas questões em torno de *Outrage* (1950), filme que aborda o abuso sexual e suas implicações posteriores. A autora destaca o facto de Lupino criar uma narrativa sobre a temática a partir de um olhar feminino, algo novo para a época, visto que grande parte das histórias eram feitas sob o olhar masculino. Robinson sublinha ainda o esquecimento a que o filme, tratado como mais uma obra *noir*, foi votado na época. Para terminar a seção, o capítulo “Ida Lupino, Hitchhiking into Darkness”, da autoria do organizador desta antologia, faz uma longa e pertinente análise do filme *The Hitch-Hiker* (1953) a partir de um olhar fenomenológico, segundo o qual os personagens dependem uns dos outros para sobreviverem.

A última seção do livro dedica-se ao trabalho televisivo de Lupino, situado entre os anos 1950 e os anos 1960. Em “Unsolicited Bequest: Ambivalent Inheritance in Ida Lupino’s 1960s Mysteries”, Ann Torrusio explora uma temática repetitiva em vários episódios de séries que ela dirigiu: a herança. No capítulo seguinte, “A Subtle Subversion: Ida Lupino Directing Television”, Adam Breckenridge observa que Lupino deixou uma vasta obra na televisão, tendo uma liberdade concedida a poucos: escolher os episódios de televisão que quer realizar. O autor aborda uma questão que permeia a vida e obra desta figura: uma vez que os seus filmes se viram largamente ignorados pelos estudos fílmicos, muito por causa de ser mulher, quando mais tarde vieram a ser redescobertos, na década de 1970, foram considerados pouco feministas. Dessa forma, Breckenridge defende, de forma pertinente, que analisar a representação feminina nos filmes de Lupino é um trabalho complexo, pois não se pode afirmar que a cineasta procurava abertamente lutar pelos direitos das mulheres em suas obras. Por fim, o último capítulo do livro, “Ida Lupino’s Thrillers: The Terror of the ‘Lethal Woman’”, examina a desconstrução da figura da mulher feita por Lupino. Em uma época onde muitas personagens possuíam papéis e características estereotipadas, a realizadora procurava trazer para o ecrã histórias distintas com personagens femininas igualmente distintas.

*Ida Lupino, Filmmaker* é uma obra pertinente, já que analisa uma carreira que somente há poucos anos começou a ser devidamente apreciada. Nota-se que as obras de Lupino são abordadas a partir de visões e aspectos distintos, o que enriquece a leitura e o estudo sobre esta atriz-

realizadora. Embora alguns dos capítulos possam tornar-se, por vezes, demasiado descritivos, essa pluralidade de olhares e perspectivas merece destaque, pois é indispensável para se conseguir analisar uma filmografia que buscava trazer para o ecrã histórias complexas e temas na altura interditos, tais como a bigamia, a violação sexual, a poliomelite, entre outros. O resultado é uma antologia proveitosa, não só para aqueles que estudam a vida e obra de Ida Lupino, mas também como contributo para a história do cinema e para o cinema feito por mulheres e a partir de uma perspectiva feminina.

### Referências

- Donati, William. 1995. *Ida Lupino: A Biography*. Lexington: University Press of Kentucky.
- Lupino, Ida e Anderson, Mary Ann. 2011. *Ida Lupino: Beyond the Camera*. Albany: BearManor Media.
- Grisham, Therese e Grossman, Julie. 2017. *Ida Lupino, Director: Her Art and Resilience in Times of Transition*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press.